

Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Retelling experiences and reconstructing views: trajectory of a black woman and mother

Ingrid Lorena da Silva Leite¹

Resumo: Neste artigo trabalho com a trajetória de uma mulher negra, mãe, moradora da periferia, que faz parte de um grupo de mães, que tiveram seus filhos ou privados de liberdade, vítimas de violência policial ou assassinados na cidade de Fortaleza. Assim, sigo inspirada no trabalho antropológico de João Biehl (2008) onde busco construir reflexões a partir das experiências de vida narradas pela interlocutora Eulália, focando nas questões de gênero e raça. Para tanto, a metodologia é qualitativa, com uso de diário de campo, entrevista semiestruturada com gravação e análise das narrativas.

Palavras-chave: Trajetória. Resistência. Mulher negra. Maternidade. Violências

Abstract: In this article I work with the trajectory of a black woman, mother, resident of the outskirts, who is part of a group of mothers, who had their children deprived of their freedom, victims of police violence or murdered in the city of Fortaleza. Thus, I continue to be inspired by the anthropological work of João Biehl (2008) where I seek to build reflections based on the life experiences narrated by the interlocutor Eulália, focusing on issues of gender and race. To this end, the methodology is qualitative, using a field diary, semi-structured interviews with recording and analysis of the narratives.

Keywords: Trajectory. Resistance. Black woman. Maternity. Violence

¹ Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Pesquisadora integrante do Grupo de Estudos *Trajetórias juvenis, afetividades e direitos humanos*. ORCID: [0000-0001-5244-6774](https://orcid.org/0000-0001-5244-6774). E-mail: lorenaleitte17@gmail.com.



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

Introdução

Neste artigo trabalho com a trajetória de uma mulher negra, mãe, moradora da periferia, que faz parte de um grupo de mães que tiveram seus filhos em privação de liberdade, vítimas de violência policial ou assassinados na cidade de Fortaleza. Assim, sigo inspirada no trabalho antropológico de João Biehl (2008) buscando construir reflexões a partir das experiências de vida narradas pela interlocutora, focando nas questões de gênero e raça. Entre narrativas e trajetórias e a partir de seu trabalho realizado com a trajetória de uma única pessoa, Biehl nos ajuda a capturar a lógica das infraestruturas cotidianas que fazem com que certas vidas ganhem forma e outras sejam impossibilitadas. Portanto, para Biehl, as narrativas de uma pessoa têm o potencial de revelar os processos macroestruturais, mostrando como a formação das famílias, comunidades e seus sistemas de valores são reconstruídos.

Nesse texto procuro costurar as narrativas de Eulália sobre suas experiências até encontrar o grupo de mães, momento em que seu filho estava em privação de liberdade. A história dessa interlocutora possui diversas expressões da desigualdade social que atravessam muitas outras histórias na sociedade brasileira. Conheci Eulália em 2016, ano que seu filho foi assassinado. Naquele momento nos encontramos poucas vezes e com poucas palavras. Tempos depois nos reencontramos em um almoço coletivo organizado pela *Rede Mães do Ceará*². Foi ali que conseguimos conversar. Nossas trocas aconteciam nas paradas de ônibus, nos almoços coletivos e nos intervalos de uma reunião ou outra da Rede Mães. Em diversas situações, Eulália deixava pistas de querer me contar “sempre algo há mais”, algo que não cabia em nossas conversas aligeiradas. Em 2020, com algumas entrevistas, Eulália conseguiu me contar aquilo que desejava compartilhar.

² Eram três segmentos que formavam a *Rede de Mães do Ceará*: 1) Mães do Curió, 2) Mães e Familiares do Socioeducativo e 3) Mães e Familiares do Sistema Prisional. Esses grupos passaram a se articular em meados de 2018, durante o *3º Encontro Nacional de Mães e Familiares Vítimas do Terrorismo do Estado*, que aconteceu em Salvador (BA). Os Encontros da *Rede Nacional de Mães e Familiares de Vítimas do Terrorismo do Estado* acontecem anualmente desde 2016. Suas pautas objetivam fortalecer a luta por justiça daqueles que perderam seus familiares, dando visibilidade às violações de direitos perpetradas pelo Estado.



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

Trajetórias De Reexistências

“Fiz xixi na cama até 11 anos” disse Eulália quando eu perguntei qual seria a lembrança mais importante da sua infância. A violência doméstica é uma marca que pulsa entre as suas memórias. Eulália conta sua história lembrando do cheiro de cachaça que sentia quando seu pai chegava em casa. Sua infância foi enredada pela violência doméstica que ela, seus irmãos e a mãe viveram por quase 30 anos. Eulália se reconhece como mulher negra, mãe de dois filhos homens, um deles assassinado em 2016 aos 16 anos de idade na cidade de Fortaleza. Artesã, aprendeu a costurar com a mãe, Dona Tereza. Filha do Seu Benedito, homem com pouco estudo que tirava o sustento da família trabalhando como *layoutista*, fazendo placas e faixas para uma pequena empresa no centro de Fortaleza.

Nascida nos anos 1980, na periferia, foi a segunda filha de Dona Tereza, costureira conhecida na comunidade. Ela, uma menina de olhos espertos que apreciava passar as tardes ouvindo o som da máquina de costura da sua mãe, que trabalhava horas a fio. Durante as manhãs ao lado do seu irmão mais velho, Mauricio, Eulália brincava no quintal dos avós paternos que eram seus vizinhos. Quando a noite ia caindo conta que seu coração apertava saindo apressada em direção a sua casa, pois sabia que seu pai, Seu Benedito estava a caminho. Ela ficava olhando para a porta da sala quando sentia o cheiro de cachaça trazido pelo vento. Eulália sabia que aquela noite, como muitas outras, não seria tranquila.

Seu Benedito pouco conversava com os filhos, Eulália conhecia a voz de seu pai por meio dos gritos, recorda ela que os momentos de carinho eram raros, mal se lembrará de algum. Homem forte, negro, começou a trabalhar cedo na vida. A bebida, principalmente a cachaça, era sua companhia diária. Benedito era alcoolista, Eulália narra que ele agredia Dona Tereza, a assustava e gritava com os filhos e isso, conta ela, acontecia quase todas as noites. Ela lembra que sentia medo, vergonha de si, do pai e das outras pessoas que ouviam os gritos que saíam da sua casa, “[...] todo mundo sabia. Ele



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

quebrava tudo dentro de casa”. Aos 5 anos de idade, Eulália e sua família se mudaram para outro bairro, passaram a residir em uma casa de conjunto habitacional. Logo após a mudança, Dona Tereza trouxe uma boa notícia ao Seu Benedito e os dois filhos: um bebê estava a caminho, o terceiro filho.

A gestação de Dona Tereza não foi fácil, grávida e morando em um bairro no qual as pessoas mal conheciam seu trabalho como costureira, assim não trazia mais dinheiro para sustento da família, Seu Benedito passou a ser o principal responsável por manter a casa financeiramente. Além disso, as brigas e noites mal dormidas continuaram. Após o nascimento da terceira filha, Benedito perdeu o emprego de carteira assinada. Eulália recorda que chegou a passar fome nessa época, sua mãe entrou em depressão: “Não sei como foi ver minha mãe daquele jeito, parecia que ela não vivia, apenas se arrastava pelos cantos da casa”.

Segundo Eulália, Dona Tereza era uma mulher de fé, era o que a mantinha ali para cuidar e proteger os filhos naquele período. Eulália narra que sua mãe tentou se matar envenenada e só não sucumbiu porque Eulália e seu irmão mais velho, Mauricio, conseguiram pedir ajuda aos vizinhos para leva-la ao hospital. Durante meses, Eulália e Mauricio cuidavam da mãe, ficavam “[...] pastorando para nada de ruim acontecer, ou dela fazer alguma coisa, a gente morria de medo de perder a mãe”.

Era uma tarde tranquila quando um casal de mórmons bateu na porta da casa. Mauricio atendeu e como de costume, orientado pela mãe tentava “despachar” aquela visita, foi quando Eulália pediu que o casal fosse falar com sua mãe que estava deitada na cama. Poucos dias depois Dona Tereza limpou o altar que tinha na sala, saiu da cama e sua máquina de costura encheu a casa de esperança novamente. Eulália não sabe se os mórmons foram os responsáveis pela melhora da sua mãe, ou se sua fé precisava ser reanimada de alguma forma, mas aquela visita foi importante. “Até hoje minha mãe respeita muito os mórmons, acho que eles trouxeram uma palavra de fé pra minha mãe, algo que ela precisava”.



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

Ainda passando por dificuldades, Tereza e Benedito resolvem voltar para o antigo bairro e morar no terreno cedido pelo avô paterno de Eulália, Maurício e Ana, a filha mais nova do casal.

Eulália voltava feliz para o bairro onde nascera e tentava deixar para trás os momentos de fome e medo de perder a mãe, que simboliza sua esperança na vida. Aos 11 anos a vida parecia ter mais cores, retomou as visitas que fazia a casa dos avós paternos, voltou a brincar na rua com os irmãos, mas o silêncio que acompanhava o cair da noite não durou muito tempo. Seu Benedito, ainda desempregado, não largava a cachaça. Ela e o irmão não suportavam mais o cheiro forte de bebida dentro de casa. “Acontecia quase todo dia, as brigas também aconteciam em datas comemorativas, muitas vezes tava todo mundo da família. Era horrível”.

Já na adolescência Eulália queria correr o mundo, aos 12 anos começou a paquerar e fazia de tudo para passar pouco tempo em casa, principalmente durante a noite. “Eu dei muito trabalho para minha mãe. Lembro que me envolvia com ‘pessoas erradas’”. Ao relatar como foi sua adolescência, Eulália menciona que sua mãe, mesmo com muitos problemas, sobretudo com seu pai, não deixava os filhos se perderem, “ela ia atrás da gente, brigava, mas não batia. Ela cuidava e não abria mão de estar por perto”.

Nos anos de 1990, Eulália se envolveu afetivamente com Jorge, que traficava drogas no bairro onde ela morava. Eulália passava noites fora de casa, mas não deixava de ir à aula, pois não queria decepcionar sua mãe que priorizava os estudos dos filhos. Mauricio começou a beber quando entrou no ensino médio, aquela notícia abalou Dona Tereza, o medo do seu único filho homem seguir os passos do pai. Eulália passou a lutar ao lado da mãe para que seu irmão parasse com a bebida. “Minha mãe implorava para o Mauricio não beber, aos poucos ele foi parando, mas foi difícil no começo”.

Para Eulália, sua irmã mais nova, Ana, não presenciou “tanta coisa”, e por isso parecia levar a vida com mais leveza e cor. “Ana foi a única que não deu trabalho para a mãe, era a mais quieta e fez faculdade”. Aos 16 anos, na 7ª série do ensino fundamental, Eulália ficou grávida.



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

Ah! Eu lembro quando fiquei grávida... Nossa! Passei 4 meses escondendo a barriga, como eu sempre fui gorda era mais fácil, mas minha mãe descobriu. Ela ficou ao meu lado, deu muito sermão na época, mas disse que me ajudaria. Meu pai não queria, acho que nunca aceitou, vivia me ameaçando, dizendo que ia me expulsar de casa (Entrevista com Eulália em maio de 2021).

A gravidez marcou sua vida, ela narra que saiu apenas uma vez com um rapaz mais velho e que a camisinha estourou durante a relação sexual. “Foi tão difícil pra mim, quando fui contar que estava grávida ele pediu que eu abortasse”. Eulália contou com a mãe e os dois irmãos e resolveu ter seu filho. Aos 18 anos começou a trabalhar como costureira numa fábrica de confecções de roupas “segui os passos da minha mãe”. Seu pai, Seu Bendito que já estava trabalhando na época garantia o básico, “leite e as roupas”. Para Eulália a mulher quando tem filhos possui duas escolhas, a primeira é: trabalhar, estudar e esquecer que tem filho; e a segunda escolha é: trabalhar, cuidar do filho e esquecer os estudos. Ela escolheu a segunda alternativa, pois não tinha ninguém que pudesse contar para manter seu filho financeiramente.

Após alguns anos, Maurício, seu irmão mais velho, casou-se e saiu de casa. Eulália ficou morando com seus pais, a irmã caçula e Pedro, seu filho. Seu Benedito constantemente brigava com a filha por ela ser “mãe solteira” e, em muitas ocasiões, Pedro presenciava a cena. Por insistência do Seu Bendito, Eulália colocou o pai de Pedro na justiça solicitando a pensão, bem como o reconhecimento do registro do filho com o nome do pai. A criança foi registrada, mas Luciano, pai do Pedro, nunca pagou a pensão, mesmo sendo preso temporariamente por este motivo, “na verdade, ele nunca quis saber do filho”.

Aos 11 anos, Pedro começou a faltar às aulas, Eulália tomou ciência quando a escola ligou para empresa onde trabalhava informando a situação. Ela saía do trabalho e procurava o filho nas casas dos colegas da escola onde estudava. Eulália disse que seu filho fez amizades com pessoas maiores de idade e que moravam em outros bairros periféricos de Fortaleza. Ela acredita que esses jovens eram “envolvidos” com o tráfico de drogas.



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

Algum tempo depois, Pedro aos 12 anos foi apreendido pela primeira vez por roubar uma bicicleta com outros jovens, Eulália recorda “aí tudo piorou”. Seu Benedito “[...] não aceitava ver neto cometendo crime, pois não precisava ser marginal”. As brigas tornaram-se diárias e intensas em casa, Dona Tereza sofria e culpava o marido pela situação, sobretudo por ser violento e alcoolista. Eulália não entendia como o filho se envolveu, pois para ela seu filho era um jovem calmo, fazia esportes, estudava em uma escola particular no mesmo bairro onde moravam.

Quando Pedro cometeu o primeiro ato infracional foi levado para a Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA) e pegou uma medida socioeducativa em meio aberto, pois era primário. Após isso, Pedro cometeu outros atos e acabou sendo encaminhado para um centro socioeducativo onde cumpriu uma medida de privação de liberdade. Nesse momento, Eulália pediu demissão do emprego, e passou a trabalhar com a mãe em casa, ambas costurando. Ana, sua irmã mais nova, foi a única a concluir uma graduação e começou a trabalhar como professora.

Foi nesse contexto que Eulália descobriu que estava grávida do seu segundo filho. Ela estava em um “relacionamento difícil”, cheio de idas e vindas e não sabia quem era o pai do seu bebê, pois havia se relacionado com dois homens que ela disse amar.

Eu era apaixonada pelo Jorge, mas como ele era traficante, fazia uns corre perigoso, eu tinha medo. A gente brigava muito, terminava e voltada muitas vezes. Uma vez que terminamos conheci Márcio, ficamos e eu gostei muito dele, mas aí o Jorge já existia na minha vida

Eulália narrou que sentia medo quando pensava em como resolver essa questão sobre a paternidade do filho, pois há anos ela tinha um envolvimento, também, com Jorge, um jovem traficante do bairro e havia pouco tempo que ela conhecia Márcio, um comerciante estrangeiro.

Jorge, era usuário de crack, embora estivesse tentando se restabelecer, segundo Eulália, vez ou outra tinha recaídas e foi nesse contexto que soube da gravidez. Ele chegou a reiniciar o tratamento clínico, mas Eulália não tinha certeza se Jorge era o pai do seu filho, além disso temia pelo envolvimento dele com as drogas.



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

Após o nascimento de Lucas, seu segundo filho, Eulália pediu o exame de DNA para confirmar sua suspeita de que o pai era realmente o Marcio. Meses depois do nascimento de Lucas, Jorge, que voltará a cometer roubos e usar crack, foi preso. “Com a prisão dele eu consegui pensar melhor, pois eu tinha medo de como ele iria reagir ao saber que não era pai do meu filho”. Márcio assumiu a paternidade do seu filho Lucas e se faz presente na vida dele. Eulália avalia:

Eu acho que assumir um filho é questão de caráter, o Márcio nunca deixou faltar nada pro Lucas. A gente só tem afetividade quando tem convivência. O pai do Pedro nunca deu uma chance para amar o filho.

Com Pedro em privação de liberdade, Eulália perdeu o benefício do Bolsa Família, relembra: “[...] eu fui cortada devido às faltas dele na escola. Depois não tive como ser incluída novamente”, Eulália afirma que o dinheiro fez muita falta para sua família. Sua mãe e a irmã eram as únicas pessoas da família que ajudavam Eulália a cuidar dos filhos.

No que concerne ao referido benefício do Bolsa Família, situar que na Política de Assistência Social, as mulheres normalmente são reconhecidas (e designadas) como agentes da proteção social dentro de uma proposta de diminuição da desigualdade de gênero, o que faz com que, principalmente no âmbito familiar, elas auxiliem o Estado no gerenciamento do cuidado com crianças, adolescentes e idosos/as. Tal aspecto governamental justifica a forma como essas políticas vêm conduzindo as feminizações através de uma “biopolítica da maternidade”. A biopolítica pode ser entendida como as formas de governo que são direcionadas à vida – ao mesmo tempo totalizante (tendo como alvo a população) e individualizante, pela via da disciplina e controle – tendo como alvo cada indivíduo (Foucault, 2009). A Política Nacional de Assistência Social aciona estratégias de gerenciamento da conduta, onde os sujeitos se constituem nas/pelas relações de poder. Contudo, o poder não é exercido somente pelos chamados poderes de Estado, mas também pelas práticas disciplinares das diferentes instituições que produzem sujeitos e direcionam e delimitam condutas (Foucault, 2009).

Podemos presumir que, em geral, que as mulheres, são primariamente designadas como responsáveis legais pelo Programa Bolsa Família (PBF), carregando



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

consigo o ônus de administrar a renda e as condicionalidades deste programa. Observamos, pois, a presença constante de marcadores de gênero e sexualidade reiterados pela via da normalização da maternidade como parte da estratégia de Estado no cuidado das famílias. Para receber o PBF, tido como um direito de renda mínima para garantia da alimentação, faz-se necessário cumprir uma série de condicionalidades. As condicionalidades do PBF estão situadas na articulação da assistência social com as áreas da educação e da saúde. Na área da educação, é condição para receber o benefício matricular as crianças nas escolas e ter uma frequência escolar de 85%.

É importante ressaltar que existem dois eixos preconizados pela referida política como essenciais para o trabalho das equipes nos diversos estabelecimentos componentes da rede socioassistencial: a territorialidade e a matricialidade sociofamiliar. Esses eixos reforçam uma essencialização da maternidade que organiza e sedimenta a existência de um instinto a partir do qual todas as mulheres, ao se tornarem mães, naturalmente priorizam o cuidado de suas crianças. Dessa forma, a maternidade acaba sendo objetificada e codificada pelas políticas públicas do Estado.

Em 2013, Eulália conheceu o *Coletivo Vozes* durante uma das suas visitas ao filho Pedro, que estava no centro socioeducativo. E afirma “[...] o Coletivo fez diferença na minha vida, já não me sentia tão só”. Encontrar outras mães que tinham os filhos em privação de liberdade fez Eulália se sentir fortalecida, ao participar dos encontros do *Coletivo Vozes* percebeu que tinha outras formas de proteger seu filho. Por meio de manifestações coletivas, denúncias de maus-tratos dentro dos centros socioeducativos, as mães, de forma coletiva, conseguiam dar visibilidade ao que acontecia nas instituições de privação de liberdade para jovens autores de atos infracionais.

Em fevereiro de 2016, Pedro, aos 16 anos, fugiu da unidade de internação com outros jovens. Após 8 dias ele foi assassinado a poucos metros de casa. “Eu ouvi os tiros que matou meu filho”, Eulália recorda entre lágrimas e silêncios o dia da morte do seu filho. “Eu lembro que corri pra vê se ainda podia fazer alguma coisa, mas quando cheguei lá ele já estava sem vida”. Eulália disse que ainda se culpa pela morte do seu filho.



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

Parece que foi descuido meu. A sensação que ele foi escapando pelos meus dedos. Queria ter feito mais. Eu não participei, teve alguns momentos em que eu não participei, eu acho que quando ele mais precisou eu não participei da vida dele, assim eu era nova eu queria ta em farra, eu queria ta em festa né. Eu passava a semana inteira trabalhando, trabalhava demais e só dia um dia de folga. Às vezes eu deixava ele com minha mãe pra ir nas festas, tentava viver, curtir, ta entendendo? Eu deixei de ta com ele pra trabalhar, eu deixei de tá com ele, cuidar dele.

Eulália afirma que nunca esquecerá do seu filho Pedro e diz que não deseja para outras mães a dor da perda e do luto. Um período de silêncio, sucede às perdas e o luto. Esse é um aspecto que faz parte do grupo de mães, seja na sua dinâmica, nos encontros, nas manifestações, nas relações de amizades entre as mulheres, seja nas suas ações e discursos. A morte, o risco da perda iminente de seus entes queridos, especialmente os filhos, parece estar presente nas experiências cotidianas das mães. Esse sentimento de luto, tão constante para essas mulheres, nas constantes partilhas realizadas em grupo, tem expressado a multiplicidade de vivências de dor, traumas, perdas e emoções. Essa pluralidade de sentimentos compõe um conjunto de experiências sociais que atravessam e modulam o dia a dia de muitas mães das periferias urbanas.

Veena Das (1999), em diversas produções textuais, trabalha com a violência social incorporada no dia-a-dia e como ela se expressa na linguagem e nos corpos. Das (2011) questiona como o sofrimento, o luto e a dor tornam-se expressões de uma modalidade de resistência, sobretudo para as pessoas de camadas populares e/ou que estão em situação de pobreza. As mulheres subvertem um lugar de dominação, registrando, ao mesmo tempo, uma marca de resistência. Eulália permanece no *Coletivo Vozes*, pois acredita que pode ajudar outras mães e dar força para mulheres que possuem experiências como a sua.

Após o assassinato de Pedro, Dona Tereza passou a culpar o marido pelo que ocorreu, “[...] minha mãe acha que meu pai mandou matar meu filho, eu não acredito nisso”. A relação ficou insustentável em casa, sobretudo quando Seu Benedito perdeu novamente o emprego e continuou bebendo. Eulália e sua irmã Ana, que trabalha como professora, foram conversar com o pai para que ele parasse de beber, pois elas estariam



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

dispostas a ajudá-lo e, pediram para ele escolher entre “a família e a cachaça”, pois não havia mais condições de continuar vivendo daquele jeito. Seu Benedito escolheu a cachaça e saiu de casa.

Lucas com 10 anos, filho mais novo de Eulália, vive com a mãe, a tia e a avó materna. Elas buscam protegê-lo e acreditam que quanto maior o tempo que ele ficar em casa, mais seguro ele estará. Eulália confessa viver sentindo medo de perder seu único filho vivo, e seu medo intensifica por se tratar de uma criança ser negra, afirma: “[...] basta ser negro pra ser alvo”. Ela pensa em algum momento deixar seu filho morar com o pai em outro país, mas não queria viver distante de Lucas. E afirma que seu principal objetivo é se manter disposta para garantir a vida de seu filho.

Costurando ideias, conceitos e experiências

As experiências ditas por Eulália expressam a realidade vivenciada por muitas mulheres, negras, mães e trabalhadoras informais. Os lugares e as dinâmicas sociais vivenciadas por Dona Tereza e Eulália carregam traços históricos da realidade brasileira, como rememora Lélia Gonzalez (2020, p. 40) ao afirmar que no período que sobreveio a abolição da escravidão, nos tempos iniciais de “cidadãos iguais perante a lei”, a mulher negra arcou com a posição de viga mestra de sua comunidade, de sua família. Dona Tereza, mãe de Eulália acaba demarcando essa “viga mestra”, a mulher que passava o dia costurando por encomenda para retirar o sustento da família e cuidava dos filhos, pois nas palavras de Eulália, a sua mãe “não desistia dos filhos”.

Percebemos uma centralidade das figuras femininas, nas trajetórias narradas. Gonzalez (2020) acredita que as mulheres negras foram e continuam sendo o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Seguindo essa linha de pensamento, a autora Luciane de Oliveira Rocha (2016) fala do reconhecimento cultural, político e econômico da maternidade negra para ambos: negros e não-negros no processo de formação da sociedade brasileira. Nesse sentido, Lélia Gonzalez traz a



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

categoria da mucama no período de escravidão colonial no Brasil que atravessa as práticas da maternagem das mulheres negras. A referida autora afirma:

Enquanto mucama, cabia-lhe a tarefa de manter, em todos os níveis, o bom andamento da casa-grande: lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre 'livre' das sinhazinhas. E isso sem contar com as investidas sexuais do senhor branco que, muitas vezes, convidava parentes mais jovens para se iniciarem sexualmente com as mucamas mais atraentes. Desnecessário dizer o quanto eram objeto de ciúmes rancoroso da senhora branca. Após o trabalho pesado na casa-grande, cabia-lhes também o cuidado com os próprios filhos, além da assistência aos companheiros chegados das plantações, engenhos etc. quase mortos de fome e cansaço (Rocha, 2016, p. 53).

Foi em função de sua atuação como mucama que a mulher negra deu origem à figura da mãe preta, ou seja, aquela que efetivamente, ao menos em termos de primeira infância (fundamental na formação da estrutura psíquica de quem quer que seja), cuidou e educou os filhos de seus senhores, contando-lhes histórias, figuras do imaginário popular. Gonzalez (2020) a partir de um diálogo com a teoria lacaniana, considera a linguagem como fator de humanização ou de entrada na ordem da cultura do pequeno animal humano, constatando por essa razão que a cultura brasileira é eminentemente negra. Percebemos a profunda importância do papel da mulher negra em nossa sociedade e como esse tema assume um valor de tal ordem que acaba por revelar certos aspectos de nossa realidade cultural.

No que tange ao reconhecimento histórico da maternidade negra no Brasil compreendemos os impasses, avanços e contrapontos acerca da produção sobre a formação racial brasileira, produzida majoritariamente por homens brancos. De acordo com Roberto DAMatta (1997), os pensadores brasileiros, em sua maioria vindos da classe média (branca) urbana, estavam comprometidos com seus interesses de classe (e raça) e isso se reflete em seu projeto de nação.

A maioria desses estudiosos buscaram e construíram um “outro”, geralmente inferior, para analisar o que lhes faltava para que pudesse ser incorporado à sociedade, os danos que traziam a esta e, algumas vezes, como exterminá-los. Todavia, raramente esse “outro” foi incorporado como agente pensador e transformador de sua realidade na



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

construção sócio-histórica do Brasil (Rocha, 2016, p. 178), que distintamente trata seus filhos com base em classe, gênero e raça. Luciane de Oliveira Rocha destaca que um ponto de virada na literatura brasileira refletindo sobre raça aconteceu 40 anos depois do fim oficial da escravidão. As obras de Gilberto Freire (1933), Sergio Buarque de Holanda (1936) e Caio Prado Junior (1942), considerados a tríade para compreender a civilização brasileira, condensam os primeiros estudiosos que, embora não tenham mudado completamente a concepção dos negros como seres inferiores, passaram a reconhecer a contribuição que os africanos trouxeram para o nosso país.

Neste aspecto, Rocha (2016, p. 181) afirma que as mulheres negras forçadas a “[...] ser amas-de-leite e babás dos filhos do mestre, foram as responsáveis financeiras e políticas pela subsistência e resistência da população negra em meio à escravidão”. A autora destaca que para Gilberto Freire, não é possível encontrar um único brasileiro que não tenha uma gota de sangue negro, e aí estaria a explícita importância cultural que Freire credits as mulheres negras na sobrevivência da sociedade patriarcal. Para Rocha (2016, p. 182), as mulheres negras tiveram um papel fundamental: no sustento, na educação, influenciando comportamentos e, portanto, “transmitindo negritude por meio da maternidade”. Contudo, sua participação efetiva no projeto de nação foi renegada.

Assim podemos compreender que gênero, raça e classe são entrelaçados histórica e culturalmente. Quando Eulália evoca suas lembranças da infância e adolescência atravessando dores, amores, rotas de fuga, a gravidez do primeiro filho, a falta de apoio do companheiro, percebemos o entrecruzamento das categorias raça, classe, gênero, sexualidade e território.

Ao narrar a violência doméstica vivenciada por mais de 30 anos, apreendemos as categorias de identidades que se entrecruzam nas suas experiências (Akotinere, 2019). Na mesma perspectiva analítica apresentada por Patrícia Hill Collins, a autora Carla Akotinere (2019) atualiza o conceito de *interseccionalidade* apresentando-o como uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado³, e as articulações decorrentes daí, que imbricadas repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas. Akotirene dialoga com Walter Mignolo para trabalhar o conceito de *colonialidade*, para compreender as expressões coloniais ainda reproduzidas nas relações sociais e no sistema racista.

A *colonialidade*⁴ nomeia a lógica subjacente da fundação e do desdobramento da civilização ocidental a partir do Renascimento europeu, que vem sendo reproduzido contemporaneamente. O conceito como empregado aqui, não pretende ser um conceito totalitário, mas um conceito que especifica um projeto particular: a ideia da modernidade e do seu lado constitutivo e mais violento; a colonialidade que surgiu com a história das invasões europeias, sobretudo com a formação das Américas e do Caribe; e o tráfico maciço de africanos escravizados. Assim, “modernidade” é uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói as bases da civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais violento, a “colonialidade”.

A colonialidade, em outras palavras, é constitutiva da modernidade – não há modernidade sem colonialidade. Por isso, a expressão comum e contemporânea de “modernidades globais” implica “colonialidades globais” no sentido exato de que a Matriz Colonial Patriarcal é compartilhada e disputada por muitos contendores: se não pode haver modernidade sem colonialidade, não pode também haver modernidades globais sem colonialidades globais.

Como afirma Ramon Grosfoquel (2009), a colonialidade foi condição necessária para a formação da modernidade, que teve como eixo central a Europa. Essa concepção de mundo baseada no eurocentrismo, entendido como imaginário dominante do mundo moderno/colonial permitiu legitimar a dominação e exploração imperial. Com base

³ Matriz heterossexual é o entendimento de uma relação contínua e consequente entre um binarismo de corpo, o gênero e o desejo, que faz com que se condicionem os corpos e os espaços para garantir que tal matriz se mantém como (cishetero)norma.

⁴ A “colonialidade” é um conceito que foi introduzido pelo sociólogo peruano Anibal Quijano, no final dos anos 1980.



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

nisso, foi construído um “outro” atrasado, onde se exerce o “mito da modernidade”. Daí emergem as principais classificações desse sistema moderno/colonial enraizado no modo de produção capitalista.

Conforme Mignolo destaca, no século XXI o mundo está interconectado por um único tipo de economia: o capitalismo. Para o autor essa foi uma das grandes transformações ocorridas no mundo a partir do século XVI, o desenvolvimento do modo de produção capitalista. E a outra transformação foi a construção de uma epistemologia centrada na Europa para explicar as relações sociais a partir do aspecto “universal”. Entre economia e epistemologia, há um elemento oculto que articula essas duas transformações, que seria a descartabilidade da vida humana. A vida de pessoas negras está inserida na matriz colonial/moderna a partir da morte.

Mignolo (2016) aponta que por trás da retórica da modernidade, práticas econômicas dispensam vidas humanas, e o conhecimento justificava o racismo e a inferioridade de vidas humanas, que eram naturalmente consideradas dispensáveis. Dessa forma conseguimos visualizar a operacionalização da *necropolítica*⁵ apresentada por Achille Mbembe (2011).

Para Akotirente a matriz colonial patriarcal é vivenciada por silenciamentos de histórias, corpos e vidas, no qual o processo colonial busca enunciar uma única voz da universalização que está incorporada pela figura socialmente construída do homem, heterossexual, branco. Porém, como aponta Grosfoguel (2009) há sujeitos e sujeitas ditos (as) coloniais que estão nas fronteiras – físicas e imaginárias – da modernidade, que não eram e não são seres passivos. São nessas fronteiras coloniais, que ora atuam, ora lutam cotidianamente mulheres negras que são mães e moradoras das periferias.

Em diálogo com Grosfoguel, Mignolo e Akotirene podemos afirmar que a sustentação dessa ordem mundial possui duas “pernas”, ou seja, o fundamento racial e patriarcal do conhecimento – a enunciação na qual a referida ordem mundial é

⁵ Necropolítica é a capacidade de estabelecer parâmetros em que a submissão da vida pela morte está legitimada. Para Mbembe, a necropolítica não se dá só por uma instrumentalização da vida, mas também pela destruição dos corpos. Não é só deixar morrer, é fazer morrer também.



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

legitimada. Dessa forma a trajetória de vida da Eulália pode ser considerada como um exercício de questionar essa perspectiva “moderna”.

Para compreender essas múltiplas e intensas dinâmicas que atravessam a trajetória de Eulália, trago a interseccionalidade, como forma de operacionalizar e constituir um diálogo a partir do paradigma afrocêntrico, fundamentado em propostas das autoras feministas negras, tendo em vista que, enquanto ferramenta teórica e metodológica, permite-nos enxergar na colisão das estruturas do racismo, do capitalismo e do cisheteropatriarcado, a interação simultânea das avenidas identitárias.

Os entrecruzamentos vão ao encontro e complexificam os feminismos brancos que fracassaram na tentativa de socorrer as vítimas negras, tendo em vista a forma como empregam o racismo nas suas análises e propostas. Igualmente, o movimento negro falha pelo seu caráter machista, quando apresenta ferramentas metodológicas pensadas para socorrer exclusivamente o homem negro.

Carla Akotirene (2019) nos provoca ao exercer um olhar interseccional para as experiências de mulheres negras, como podemos identificar pela trajetória de Eulália. A referida autora diz que os marcadores sociais tonificam as violências estruturais e cotidianas, que são indispensáveis para identificar as agências dos indivíduos sociais. Nesse sentido, a figura do pai, encarnada por Seu Benedito, mostra a importância do homem provador para a dinâmica familiar atravessada pela pobreza em uma sociedade organizada pela matriz colonial patriarcal.

No que diz respeito ao diálogo tecido nesse texto, Lélia Gonzalez nos ensina que as perspectivas eurocêntricas dificilmente conseguem perceber que o pai de família negro sequer tem tempo de rivalizar com os filhos e filhas o amor da mãe se, a qualquer momento, um desses homens estará desempregado e/ou morto. Para a autora, Seu Benedito, como muitos homens negros que vivem a realidade social estruturada pelo racismo patriarcal capitalista, expressam e podem reproduzir práticas opressoras e violentas.



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

Vale destacar que as mulheres negras são as que mais sofrem violência doméstica no Brasil, são as maiores vítimas de homicídio e feminicídio. É o que mostra o *15º Anuário de Segurança Pública* lançado em 2021. Akotirene (2019) afirma que as interseccionalidades atravessam o fluxo das identidades subalternas, que podem expressar e potencializar múltiplas opressões. O conceito interseccional traduz a metáfora da encruzilhada, porque viver a identidade de alguém que simultaneamente está na avenida de raça, gênero, sexualidade, classe e território, é ser atingida o tempo todo pelo racismo, misoginia e preconceitos.

Gonzalez (2020) e Akotirene (2019) compreendem que ser mulher negra no Brasil é ser objeto de tripla discriminação, sobretudo por existir uma divisão racial e sexual do trabalho (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho na sociedade brasileira.

Diante do que expus a partir das narrativas de Eulália, a violência doméstica nas palavras de Carla Akotirene não se estabelece apenas no ato da violência em si, nas relações familiares e/ou vínculos afetivos, mas mostra a matriz de poder colonial estruturada por dominação masculina, ou podemos dizer objetivamente, violência misógina. Ademais, a violência contra a mulher é interseccional, qualquer mulher pode sofrer violência, mas os efeitos são distintos. Dona Tereza vivenciou durante 30 anos as violências cotidianas perpetradas pelo companheiro, como também pelas condições precárias de trabalho, com uma frágil ou quase nenhuma rede de apoio, conseguiu diariamente cunhar estratégias de resistência para criar e proteger os filhos.

Eulália vivencia sua maternagem ancorada nessas estratégias, mas também é atravessada por outras violências que coexistem em suas relações de afeto e trabalho. Ao deixar o trabalho na fábrica de confecções, ela decide trabalhar em casa com sua mãe, mas ainda assim percebe que não conseguiu ter mais tempo para cuidar do seu filho. Para Eulália a mulher quando tem filhos possui duas escolhas, a primeira é: trabalhar, estudar e esquecer que tem filho; e a segunda escolha é: trabalhar, cuidar do filho e esquecer os estudos. Aqui analisamos as dificuldades de inserção no mercado de



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

trabalho e as possibilidades de vivenciar a maternidade para uma mulher negra. O racismo se estrutura tanto nas populações e acesso aos espaços e políticas públicas como nas relações sociais cotidianas.

A realidade vivida por Eulália e muitas mulheres negras emergem nos dados da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios* (PNAD) (IBGE, 2021)⁶. O número de desempregados atingiu seu ápice nos últimos 10 anos ultrapassando 14 milhões de pessoas, sendo puxado pelo crescimento do número de mulheres negras a procura de emprego⁷. As mulheres negras foram a maioria na desocupação, na subocupação e na subutilização da força de trabalho ampliada, mostrando que a sua inserção no mercado de trabalho foi mais precária do que a dos demais grupos considerados (homens negros e mulheres e homens brancos). O trabalho doméstico mostra-se tipicamente feminino e negro. As mulheres representaram 93,2% do trabalho doméstico sem carteira de trabalho assinada, sendo 61,6% mulheres negras.

A remuneração das mulheres negras é inferior se comparada à dos demais grupos, mesmo com o aumento da escolaridade ou do cargo ocupado. A única situação na qual as mulheres negras auferiram rendas superior à dos homens negros foi nas forças armadas. Esse contexto pouco difere do artigo construído por Beatriz Nascimento, publicado originalmente no jornal *Última Hora*, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1976⁸.

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A 'herança escravocrata' sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, a grosso modo, não muda muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assuma empregos domésticos, em menor grau na indústria de transformação, nas áreas urbanas e que permaneça como trabalhadoras rurais. Podemos acrescentar, no entanto, ao que expusemos acima que a estas sobrevivências ou resíduos do escravagismo, se superpõem os mecanismos atuais de manutenção de privilégios por parte do grupo dominante. Mecanismos que são essencialmente ideológicos e que ao se debruçarem sobre as condições objetivas da sociedade têm efeitos discriminatórios. Se a mulher negra hoje permanece ocupando empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial, é tanto devido ao fato de ser

⁶ Ver: [Agência Brasil](#).

⁷ Ver: [IBGE](#).

⁸ Ver: [Geledés](#).



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

uma mulher de raça negra, como por terem sido escravizados seus antepassados [...]

A perspectiva interseccional nos permite compreender quais as possibilidades de ação dessas mulheres e como suas vozes alcançam zonas diferentes a partir das opressões e resistências que (re)criam no cotidiano. Podemos perceber como a figura materna se atrela à ideia de proteção, sobretudo dos filhos.

Nesse ponto, o professor Kabengele Munanga (2003) traz contribuições para pensar como a raça que surgiu na biologia foi instrumentalizada e introduzida na produção das relações sociais. Para Munanga, os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento ocidental, sendo o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido. Assim, em qualquer operação de classificação, é preciso primeiramente estabelecer alguns critérios objetivos com base na diferença e semelhança. No século XVIII, a cor da pele foi considerada como um critério fundamental e divisor d'água entre as chamadas raças.

O maior problema não está nem na classificação como tal, nem na inoperacionalidade científica do conceito de raça. Se os naturalistas dos séculos XVIII-XIX tivessem limitado seus trabalhos somente à classificação dos grupos humanos em função das características físicas, eles não teriam certamente causado nenhum problema à humanidade. Suas classificações teriam sido mantidas ou rejeitadas como sempre aconteceu na história do conhecimento científico. Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças. O fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais (Munanga, 2003, p. 5).

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos no século XXI, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, durante séculos foi apresentada como categoria biológica, constituindo um aspecto natural, é de fato uma categoria etnosemântica. O campo semântico da categoria de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

África do Sul, na Inglaterra, entre outros países. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico.

Para Munanga, por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, baseado nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas, suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto por este lado, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural.

O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas.

A partir disso, podemos entender que ser mulher negra e mãe apresenta violências e resistências cotidianas. Eulália ao falar da sua maternagem expõe dois principais sentimentos. O primeiro sentimento é a culpa por deixar o filho “escapar” de suas mãos. Eulália acredita que poderia ter feito mais por Pedro, talvez participado de todos os momentos na escola, ter mais tempo para ficar com ele em casa. Aqui a ideia que a figura feminina é atrelada historicamente a concepção de proteção emerge articulada com a maternagem. Para Eulália, um dos principais motivos do envolvimento do filho com o crime e sua morte foi o seu descuido.

Outro sentimento destacado por Eulália é o medo de perder seu segundo filho, como ela disse “basta ser negro pra ser alvo”. Michel Misse (2008), apresenta o conceito de sujeição criminal que se articula com a fala de Eulália sobre o filho ser alvo, um corpo



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

passível de ser exterminado. Para Misse, os indivíduos que se encontram nas camadas mais pobres são aqueles que correm os maiores riscos de serem atingidos pela sujeição criminal, ou seja, de ser e se reconhecer como bandidos.

A sujeição criminal é definida, então, como um processo social pelo qual identidades são construídas e atribuídas para habitar adequadamente o que é representado como um mundo à parte: o mundo do crime, no qual há, então, reprodução destes tipos sociais representados como criminosos, os bandidos (Misse, 1999).

Segundo o autor, no Brasil, sempre houve uma justificação habitual para a eliminação física de criminosos comuns, mesmo sem a marca da periculosidade. Isto revela uma tendência a substituir a punição do crime pela punição do sujeito ao qual é imputado um caráter específico e fixo. O processo de acumulação social da violência que vem ocorrendo em especial no Rio de Janeiro desde os anos 1950 (Misse, 2008), produz uma afinidade entre certas práticas criminais, especificamente aquelas que provocam um sentimento de insegurança na vida cotidiana das cidades, e tipos sociais de sujeitos socialmente identificados pela marca da condição de pobreza, cor da pele e estilo de vida.

Considerações Finais

Com base nos sentimentos e práticas narradas por Eulália destaco o conceito *biopolítica da maternidade* inspirada e desenvolvida a partir de Michel Foucault, pensando as políticas públicas que vem se organizando, constituindo e reproduzindo práticas que reconhecem as mulheres como agentes de proteção social, principalmente no contexto familiar. Destaco as políticas de proteção social que a partir das suas diretrizes, princípios, projetos e programas acabam fortalecendo e operacionalizando de forma concreta discursos e ações que a figura materna ganha centralidade no que diz respeito às noções de cuidado, proteção e afeto. A *biopolítica da maternidade* afeta diretamente nos processos de subjetivação e na configuração da gestão das relações sociais. Quando Eulália se sente culpada por achar que não cuidou do filho podemos



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

perceber operacionalização dessa biopolítica, que para Michel Foucault, é o poder que se direciona à vida, tendo o Estado intervindo no nível do coletivo, da população, das massas, há, nisso, um corte: “[...] entre o que deve viver e o que deve morrer” (Foucault, 2018, p. 214). Ser alvo por ser negro é compreender que esse corte é o racismo, que é “[...] a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização” (Foucault, 2018, p. 215). O racismo, enquadrando vidas precárias, sob condições de guerra, maximiza a precariedade para uns e minimiza para outros (Butler, 2017). A maternidade negra parece estar historicamente imbricada na perspectiva da ação coletiva e política das mulheres, pois para exercerem a maternagem precisam cotidianamente encontrar estratégias por meio de outras mulheres para elaborar suas redes de apoio e, reconfigurar, assim modos de re-existência.

Referências

- Fórum de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, 2021.
- Akotirene. Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.
- Biehl, João. 2011. “Antropologia no campo da saúde global”. **Horizontes Antropológicos**, v. 17, n. 35, p. 257-296.
- Butler, J. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- Collins, Patricia Hill & Bilge, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- DaMatta, Roberto. Notas sobre o racismo à brasileira. In: Souza, J. (Org.). **Multiculturalismo e racismo: uma comparação Brasil Estados Unidos**. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 69-74.
- Das, Veena. “Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns dilemas wittgensteinianos”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 40, p. 31-42, 1999.
- Foucault, M. **Em defesa da Sociedade**. Curso no College de France, 1975-1976. São Paulo: Martins Fontes, 2018.



Recontando experiências e reconstruindo olhares: trajetória de uma mulher negra e mãe

Ingrid Lorena da Silva Leite

Foucault, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**: Trad. de Raquel Ramallete. 37. Ed. - Petrópolis: Vozes, 2009.

Gonzalez, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

Grosfoguel, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *In*: Santos, Boaventura de Sousa; Menezes, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009

Mbembe, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2011.

Mignolo, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2016.

Misse, M. **Crime e violência no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

Misse, M. **Malandros, marginais e vagabundos e a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Sociologia), Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999.

Munanga, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia *In*: Brandão, André Augusto P. **Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. EDUFF, 2003.

Rocha, Luciane O. De-matar: Maternidade Negra como Ação Política na “Pátria Mãe Gentil”. *In*: **Antinegritude**: O impossível sujeito negro na formação social brasileira. Cachoeira: Editora UFRB, 2016. p. 197-202.